

"Triunfante. Simplesmente triunfante.  
Mal consegui me conter enquanto lia... Mágico."

A.J. Finn, autor de *A mulher na janela*

# GAROTO DEVORA UNIVERSO



# TRENT DALTON

 Harper  
Collins

Material com direitos autorais

Copyright © 2018 by Trent Dalton

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Adriana Fidalgo*

Revisão: *Thadeu Santos e Anna Beatriz Seilhe*

Capa: *Darren Holt, HarperCollins Design Studio*

Adaptação de capa: *Osmane Garcia Filho*

Imagens de capa: *Splendid fairy-wren by Auscape/UIG / Getty Images; outras imagens por shutterstock.com*

Diagramação e conversão para e-book: *Abreu's System*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

D158g

Dalton, Trent

Garoto devora universo / Trent Dalton; tradução Regiane Winarski. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

Tradução de: *Boy swallows universe*

ISBN 9788595085305

I. Romance australiano. I. Winarski, Regiane. II. Título.

19-55259

CDD: 828.99343

CDU: 82-31(94)

---

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

[www.harpercollins.com.br](http://www.harpercollins.com.br)

# *Sumário*

Garoto escreve palavras  
Garoto faz arco-íris  
Garoto segue passos  
Garoto recebe carta  
Garoto mata touro  
Garoto perde sorte  
Garoto se manda  
Garoto conhece garota  
Garoto desperta monstro  
Garoto perde equilíbrio  
Garoto procura ajuda  
Garoto abre mar  
Garoto rouba oceano  
Garoto domina tempo  
Garoto tem visão  
Garoto morde aranha  
Garoto aperta força  
Garoto vai fundo  
Garoto levanta voo  
Garoto afoga mar  
Garoto conquista lua  
Garoto devora universo  
Garota salva garoto  
Agradecimentos

Sobre o autor

*Para minha mãe e meu pai.  
Para Joel, Ben e Jesse.*

# *Garoto escreve palavras*

Seu fim é um passarinho azul morto.

— Viu aquilo, Slim?

— O quê?

— Nada.

Seu fim é um passarinho azul morto. Sem dúvida nenhuma. Seu fim. Sem dúvida nenhuma. É um passarinho azul. Morto.

★

A rachadura no para-brisa do Slim parece um homem de pauzinho, alto e sem braços, se curvando à realeza. A rachadura no para-brisa do Slim se parece com o Slim. Os limpadores de para-brisa formam um arco-íris de poeira no lado do passageiro, onde eu estou. Slim conta que um bom jeito de me lembrar dos pequenos detalhes da minha vida é associando momentos e visões a coisas em mim ou na minha vida consciente que vejo e cheiro e toco com frequência. Coisas do corpo, do quarto, da cozinha. Assim, tenho dois lembretes de qualquer detalhe pelo preço de um.

Foi assim que o Slim levou a melhor sobre Black Peter. Foi assim que o Slim sobreviveu ao poço. Tudo tinha dois significados, um pra cá, sendo cá o lugar onde ele estava na ocasião, a cela D9, divisão 2, prisão Boggo Road, e outro pra lá, aquele universo sem limites em expansão na sua cabeça e no seu coração. Não havia nada no cá além de quatro paredes verdes de concreto e escuridão e mais escuridão, e seu corpo solitário e imóvel. Uma cama de ferro e um estrado de

arame soldados a uma parede. Uma escova de dentes e um par de chinelos da prisão. Mas uma caneca de leite velho, enfiada pela portinhola por um guarda calado, o levava pra *lá*, pra Ferny Grove nos anos 1930, pros jovens e magros trabalhadores da fazenda tirando leite das vacas nos arredores de Brisbane. Uma cicatriz no antebraço se tornava um portal para um passeio de bicicleta na infância. Uma mancha de sol no ombro era um buraco de minhoca pras praias da Sunshine Coast. Um toque e ele ia embora. Um prisioneiro fugitivo na D9. Livre pela imaginação, mas nunca fugindo, exatamente a situação contrária antes de jogarem ele no poço, livre de verdade, mas sempre fugindo.

Ele passava o polegar pelos picos e vales dos nós da mão, e isso o levava pra *lá*, pras colinas perto da cidade de Gold Coast, até a cachoeira Springbrook, e o aço frio da cama da cela D9 se tornava uma pedra de calcário gasta pela água, e o piso gelado de concreto do poço embaixo dos seus pés descalços virava água quente de verão onde ele molhava os dedos, e ele tocava os lábios rachados e se lembrava de quando uma coisa tão macia e perfeita quanto os lábios da Irene encontravam os dele, como ela fazia todos os seus pecados e todas as suas dores desaparecerem com um beijo molhado, limpando-o como a cachoeira Springbrook o limpava, com toda aquela água caindo na cabeça.

Estou um pouco mais do que um pouco preocupado de que as fantasias do Slim na prisão estejam se tornando minhas. Irene descansando naquela rocha úmida, coberta de musgo esmeralda, nua e loura, rindo como Marilyn Monroe, a cabeça para trás, relaxada e poderosa, senhora do universo de qualquer homem, guardiã dos sonhos, uma visão de lá para guardar cá, pra fazer a lâmina pronta pra uso de um canivete improvisado esperar mais um dia.

“Eu tinha uma mente adulta”, Slim sempre diz. Foi assim que ele levou a melhor sobre Black Peter, a solitária no subsolo da Boggo

Road. Jogaram ele naquela caixa medieval por catorze dias durante uma onda de calor no verão de Queensland. Deram a ele meio pão para ser comido em duas semanas. E quatro, talvez cinco copos d'água.

Slim diz que metade dos seus colegas na Boggo Road teria morrido depois de uma semana na Black Peter porque metade de qualquer população de prisão, e de qualquer grande cidade do mundo, na verdade, é cheia de homens adultos com mentes infantis. Mas uma mente adulta pode levar um homem adulto para onde ele quiser ir.

Black Peter tinha um colchão áspero de fibra de coco, do tamanho de um capacho ou do comprimento das tíbias compridas do Slim. Todos os dias, Slim diz, ele se deitava de lado no colchão de fibra de coco e puxava as tíbias compridas para junto do peito e fechava os olhos e abria a porta do quarto da Irene e entrava embaixo do lençol branco da Irene e fazia conchinha delicadamente com Irene e passava o braço direito pela barriga nua de porcelana da Irene e lá ficou por catorze dias. “Me encolhi que nem um urso e hibernei”, ele diz. “Ficou tão aconchegante lá no inferno que nem tive vontade de sair.”

Slim diz que tenho uma mente adulta em um corpo de criança. Só tenho doze anos, mas o Slim acha que aguento as histórias pesadas. Slim acha que eu devia ouvir todas as histórias de prisão de estupro masculino e de homens que quebraram o próprio pescoço com lençóis amarrados ou que engoliram pedaços afiados de metal para rasgar as suas entranhas e garantir umas férias de uma semana no ensolarado hospital Royal Brisbane. Às vezes, acho que ele vai longe demais nos detalhes, sangue pingando de bundas estupradas e coisas do tipo. “Luz e sombra, garoto”, Slim diz. “Não dá pra fugir da luz e não dá pra fugir da sombra.” Preciso ouvir as histórias sobre doenças e morte lá de dentro para entender o impacto dessas lembranças da Irene. Slim diz que eu aguento as histórias pesadas porque a idade do meu corpo não significa nada em comparação à idade da minha alma



— que ele foi limitando aos poucos entre algo na casa dos setenta e a esclerose. Uns meses antes, sentado naquele carro, Slim disse que teria compartilhado uma cela de prisão comigo sem problema porque eu escuto e me lembro do que escutei. Uma lágrima solitária escorreu pelo meu rosto quando ele fez essa grande homenagem de colega de quarto a mim.

— Lágrimas não pegam muito bem lá dentro — disse ele.

Eu não sabia se ele queria dizer dentro de uma cela de prisão ou dentro do corpo de alguém. Chorei em parte por orgulho, em parte por vergonha, porque não sou digno, isso se digno for uma palavra pra um cara com quem se divide uma cela.

— Desculpa — falei, por causa da lágrima. Ele deu de ombros.

— Tem mais no lugar de onde essa veio — disse ele.

Seu fim é um passarinho azul morto. *Seu fim é um passarinho azul morto.*

★

Vou me lembrar do arco-íris de poeira no para-brisa do Slim atravessando a lua leitosa surgindo por trás da unha do meu polegar esquerdo, e sempre que olhar para aquela lua leitosa, vou me lembrar do dia em que Arthur “Slim” Halliday, o maior fugitivo de prisão do mundo, o maravilhoso e elusivo “Houdini da Boggo Road”, me ensinou — a mim, Eli Bell, o garoto com alma velha e mente adulta, melhor candidato a companheiro de cela de prisão, o garoto com lágrimas do lado de fora — a dirigir o Toyota LandCruiser azul-escuro enferrujado.

Trinta e dois anos atrás, em fevereiro de 1953, depois de um julgamento que durou seis dias no Tribunal Superior de Brisbane, um homem chamado juiz Edwin James Droughton Stanley sentenciou o Slim à prisão perpétua por ter espancado brutalmente um taxista

chamado Athol McCowan até a morte usando uma pistola Colt .45. Os jornais sempre chamaram o Slim de “Assassino do Táxi”.

Eu só o chamo de babá.

— Embreagem — diz ele.

A coxa esquerda do Slim se contrai quando a velha perna queimada de sol, com setecentas e cinquenta rugas porque ele pode ter setecentos e cinquenta anos, pisa na embreagem. A velha mão esquerda queimada de sol do Slim muda a marcha. Um cigarro enrolado à mão, queimando em amarelo, cinza e depois preto, se prende de forma precária ao cuspe no canto do lábio inferior.

— Ponto morto.

Vejo meu irmão, August, pela rachadura no para-brisa. Ele está sentado na cerca de tijolos, escrevendo a história da sua vida em letra cursiva com o indicador direito, formando as palavras no ar.

*Garoto escreve no ar.*

Garoto escreve no ar do mesmo jeito que o meu velho vizinho Gene Crimmins diz que Mozart tocava piano, como se cada palavra tivesse que vir embrulhada e enviada de um lugar além da sua própria mente ativa. Não em papel e bloco pautado ou máquina de escrever, mas no ar, a coisa invisível, o grande ato de fé que você talvez nem se lembrasse que existe não fosse o vento soprando na sua cara. Notas, reflexões, trechos de diário, tudo escrito no ar, com o indicador direito esticado açoitando e cortando, criando letras e frases para o nada, como se ele tivesse que tirar tudo da cabeça, mas precisasse que a história também sumisse no espaço, enfiando para sempre o dedo no eterno pote de tinta invisível. Palavras não pegam muito bem lá dentro. É sempre melhor para fora do que para dentro.

Ele segura a princesa Leia na mão esquerda. Garoto nunca solta ela. Seis semanas antes, Slim nos levou para ver todos os três filmes de *Star Wars* no drive-in Yatala. Absorvemos aquela galáxia muito, muito distante no banco de trás do LandCruiser, as cabeças apoiadas em

protetores infláveis de garrafas de vinho que por sua vez estavam em cima de uma armadilha de caranguejo que cheirava a tainha morta que o Slim deixava na parte de trás, perto de uma caixa de equipamento de pesca e um velho lampião de querosene. Havia tantas estrelas naquela noite no céu do sudeste de Queensland que, quando a Millennium Falcon voou para a lateral da tela, achei por um momento que acabaria voando pelas nossas próprias estrelas, que pegaria o expresso da velocidade da luz até Sydney.

— Tá ouvindo? — resmunga Slim.

— Sim.

Não. Nunca escuto como deveria. Sempre estou pensando demais no August. Na mãe. No Lyle. Nos óculos de Buddy Holly do Slim. Nas rugas profundas na testa do Slim. No jeito como ele anda engraçado desde que deu um tiro na própria perna em 1952. No fato de ele ter uma pinta da sorte que nem eu. No fato de ele ter acreditado em mim quando contei que a minha pinta da sorte tinha poder, que era importante para mim, que, quando estou nervoso ou com medo ou perdido, meu primeiro instinto é olhar para a pinta marrom-escura no meio do meu indicador direito. Aí, me sinto melhor. Pode parecer bobeira, Slim, falei. Pode parecer loucura, Slim, falei. Mas ele me mostrou a pinta da sorte dele, quase uma verruga, no meio do ossinho proeminente do pulso direito. Ele disse que achava que pudesse ser cancerígena, mas era a pinta da sorte dele e ele não conseguia tirá-la. Na D9, ele disse, a pinta se tornou sagrada porque o lembrava de uma pinta que a Irene tinha no alto da parte interna da coxa esquerda, não muito longe do local mais sagrado, e ele me garantiu que um dia eu também conheceria esse lugar raro no alto da parte interna da coxa de uma mulher e também saberia como Marco Polo se sentiu quando tocou seda pela primeira vez.

Gostei dessa história, então contei ao Slim que ver a pinta no meu indicador direito pela primeira vez por volta dos quatro anos, sentado

de camiseta amarela com mangas marrons em um sofá comprido de vinil castanho, é o mais longe que a minha memória consegue chegar. Tem uma televisão ligada nessa lembrança. Eu olho para o indicador e vejo a pinta e levanto o rosto e viro a cabeça para a direita e vejo um rosto que acho que é do Lyle, mas que pode ser do meu pai, apesar de eu não me lembrar do rosto do meu pai.

Assim, a pinta sempre é consciência. Meu big bang pessoal. O sofá. A camiseta amarela e marrom. E eu chego. Estou aqui. Falei para o Slim que achava que o resto era questionável, que os quatro anos antes daquele momento podiam muito bem nunca ter acontecido. Slim sorriu quando falei isso. Ele disse que a pinta no meu indicador direito é o meu lar.

★

Ignição.

— Puta que pariu, Sócrates, o que foi que eu acabei de dizer? — grita Slim.

— Pra tomar cuidado quando baixar o pé?

— Você estava olhando bem pra mim. Parecia que estava ouvindo, mas não. Seus olhos iam de lá pra cá no meu rosto, olhando aqui e ali, mas não ouviu uma palavra.

A culpa é do August. Garoto não fala. É tagarela que nem um dedal, falador que nem um violoncelo. Sabe falar, mas não quer. Nem uma palavra, pelo que me lembro. Nem comigo, nem com a mãe, nem com o Lyle, nem mesmo com o Slim. Ele se comunica direitinho, transmite grandes conversas com um toque delicado no braço, uma gargalhada, um movimento de cabeça. Consegue dizer como está se sentindo pela maneira que abre um pote de geleia. Diz o quanto está feliz pelo jeito que passa manteiga no pão, o quanto está triste pela forma como amarra os cadarços.

Tem dias que me sento na frente dele na sala e jogamos *Super Breakout* no Atari, e nós nos divertimos tanto que olho para ele no exato momento em que posso jurar que ele vai dizer alguma coisa.

— Fala — digo eu. — Sei que você quer falar. Vai, fala.

Ele sorri, inclina a cabeça para a esquerda e levanta a sobrancelha esquerda, e a mão direita faz um movimento de arco, como se ele estivesse esfregando um globo de neve invisível, e é assim que ele me pede desculpas. *Um dia, Eli, você vai saber por que não falo. Mas hoje não é esse dia, Eli. Agora é sua vez, porra.*

A mãe diz que o August parou de falar mais ou menos na mesma época que ela fugiu do pai. O August tinha seis anos. Ela diz que o universo roubou as palavras do garoto dela quando ela não estava olhando, quando estava envolvida demais em coisas que vai me contar quando eu for mais velho, coisas sobre como o universo roubou o garoto dela e substituiu ele por um enigmático alienígena que só tira dez na escola com quem tenho que dividir o beliche há oito anos.

De vez em quando, uma criança infeliz da turma do August debocha dele e da sua recusa de falar. A reação é sempre a mesma: ele vai até o valentão boca suja daquele mês, perigosamente alheio à tendência secreta de fúria psicopata do August, e, abençoado pela incapacidade estabelecida de explicar suas ações, simplesmente ataca o queixo, o nariz e as costelas do moleque com uma das três combinações de dezesseis socos que o namorado da minha mãe, o Lyle, nos ensinou incansavelmente em intermináveis fins de semana de inverno com um velho saco de areia de couro marrom que temos no barracão do quintal. Lyle não acredita em muita coisa, mas acredita no poder de um nariz quebrado pra mudar as circunstâncias.

Os professores costumam ficar do lado do August porque ele é um aluno que só tira dez, tão dedicado quanto possível. Quando os psicólogos infantis aparecem na nossa porta, minha mãe arruma outro testemunho elogioso de algum professor sobre o motivo do August

ser um aluno dos sonhos para qualquer turma e por que o sistema de educação de Queensland se beneficiaria de ter mais uma criança como ele, completamente muda.

Minha mãe diz que, quando tinha cinco ou seis anos, o August passava horas olhando para superfícies reflexivas. Enquanto eu batia caminhões de brinquedo e brincava de blocos de montar no piso da cozinha e a mãe fazia bolo de cenoura, ele estava olhando um espelho redondo de maquiagem dela. Ficava horas sentado na frente de poças, encarando o próprio reflexo, não que nem o Narciso, mas de um jeito que a mãe achava que era explorador, como se ele estivesse procurando alguma coisa. Eu passava pela porta do nosso quarto e o via fazendo caretas no espelho que tínhamos acima de uma cômoda velha de madeira prensada. “Já encontrou?”, perguntei uma vez quando tinha nove anos. Ele afastou o rosto do espelho com uma expressão vazia e um tremor no canto esquerdo do lábio superior que disseram para mim que havia um mundo além das paredes creme do nosso quarto para o qual eu não estava pronto e onde nem era necessário. Mas continuei fazendo a pergunta sempre que o via se olhando. “Já encontrou?”

Ele sempre olhava a lua, acompanhava o caminho dela por cima da casa pela janela do quarto. Conhecia os ângulos do luar. Às vezes, no meio da madrugada, saía pela nossa janela, desenrolava a mangueira e a arrastava de pijama até a vala da frente, onde ficava sentado durante horas, enchendo a rua de água em silêncio. Quando conseguia acertar os ângulos, uma poça gigante se enchia com o reflexo prateado da lua. “A poça da lua”, declarei, grandioso, em uma noite fria. E August abriu um sorriso enorme, passou o braço direito pelos meus ombros e assentiu, como Mozart poderia ter assentido no final da ópera favorita de Gene Crimmins, *Don Giovanni*. Ele se ajoelhou e, com o indicador direito, escreveu três palavras em cursiva perfeita na poça da lua.

*Garoto devora universo*, ele escreveu.

Foi o August que me ensinou os detalhes, como ler um rosto, como extrair o máximo de informação possível da linguagem não verbal, como minar a expressão e a conversa e a história dos elementos de todas as coisas sem discurso que estão bem diante dos seus olhos, as coisas que falam com você sem falar com você. Foi o August que me ensinou que eu não precisava sempre ouvir. Talvez bastasse olhar.

★

O LandCruiser dá uma tosse metálica de volta à vida, e eu quico no banco de vinil. Dois chicletes Juicy Fruit que estão comigo há sete horas escorregam do bolso do meu short e entram em uma cavidade na espuma que o vira-lata branco e velho e leal e morto do Slim, Pat, mordida regularmente durante as muitas viagens que os dois faziam de Brisbane até a cidade de Jimna, a norte de Kilcoy, nos anos pós-prisão do Slim.

O nome inteiro de Pat era Patch, mas isso acabou se tornando longo demais para o Slim. Ele e o cachorro garimpavam por ouro regularmente num riacho secreto de uma floresta em Jimna. Até hoje Slim acredita que o riacho contém depósitos de ouro suficientes para deixar o rei Salomão impressionado. Ele ainda vai até lá com a velha bateia, no primeiro domingo de cada mês. Mas a busca não é a mesma coisa sem Pat, ele diz. Era o Pat quem sabia procurar pelo ouro. O cachorro tinha faro para isso. Slim acha que o Pat cobiçava de verdade aquele ouro, o primeiro cão do mundo a sofrer de febre do ouro.

— Doença do brilho — diz ele. — Mandou o Pat pro beleléu.

Slim muda a marcha.

— *Lembra de pisar na embreagem.* Primeira. Solta a embreagem.

Um leve aperto no acelerador.

— E com firmeza no pedal.

O enorme LandCruiser se desloca três metros no acostamento de grama, e o Slim freia, o carro paralelo ao August, que ainda escreve no ar com o indicador direito. Slim e eu viramos a cabeça rápido para a esquerda para ver a explosão de criatividade aparente do August. Quando termina de escrever uma frase, ele cutuca o ar como se estivesse fazendo um ponto. Ele usa a sua camisa verde favorita, com as palavras *Você ainda não viu nada* escritas com letras de arco-íris. Cabelo castanho caído na testa, quase um corte Beatles. Usa um velho short do Lyle, azul e amarelo e com o escudo do Parramatta Eels, apesar de, aos treze anos, cinco dos quais deve ter passado assistindo a jogos do Parramatta Eels no sofá com o Lyle e comigo, ele não ter demonstrado o menor interesse em rúgbi. Nosso querido garoto misterioso. Nosso Mozart. August é um ano mais velho do que eu, mas o August é um ano mais velho do que todo mundo. O August é um ano mais velho do que o universo.

Quando termina de escrever cinco frases completas, ele lambe a ponta do dedo, como se estivesse molhando uma pena na tinta, e se conecta de novo à fonte mística que empurra a caneta invisível que escreve o texto invisível. Slim apoia os braços no volante, dá uma tragada longa no cigarro e não tira os olhos do August.

— O que ele tá escrevendo agora? — pergunta Slim.

August está alheio aos nossos olhares, seus olhos só seguem as letras no seu céu azul pessoal. Talvez para ele aquilo seja uma infinita resma de papel com pauta na qual escreve na sua cabeça, ou talvez ele veja linhas pretas no céu. É escrita especular pra mim. Sou capaz de ler se estiver de frente para ele no ângulo certo, se conseguir ver as letras com clareza suficiente para virá-las na cabeça, para girá-las no espelho da minha mente.

— É a mesma frase de novo e de novo desta vez.

— E qual é?



O sol por cima do ombro do August. Um deus branco e quente. A mão na minha testa. Sem dúvida nenhuma.

— Seu fim é um passarinho azul morto.

August para. Olha pra mim. Ele se parece comigo, mas uma versão melhor, mais forte, mais bonito, com tudo lisinho no rosto, liso como os rostos que ele vê quando olha a poça da lua.

Eu repito.

— Seu fim é um passarinho azul morto.

August abre um sorrisinho, balança a cabeça, me encara como se o maluco fosse eu. Como se quem estivesse imaginando coisas fosse eu. *Você está sempre imaginando coisas, Eli.*

— É, eu vi. Estou de olho em você faz cinco minutos.

Ele abre um sorriso enorme e limpa com pressa as palavras do céu com a mão aberta. Slim também abre um sorriso grande e balança a cabeça.

— Aquele garoto tem as respostas — diz Slim.

— De quê? — falo.

— Das perguntas — responde ele.

Ele engata a ré no LandCruiser, volta três metros, freia.

— Sua vez.

Slim tosse e cospe tabaco marrom, que voa da janela para a rua frita de sol e cheia de buracos, cercada por catorze casas feias e baratas, a nossa e a de todo mundo em tons de creme, turquesa e azul-céu. A rua Sandakan, em Darra, meu pequeno subúrbio de refugiados poloneses e vietnamitas, e de refugiados dos Dias Ruins do Passado como a minha mãe e o August e eu, exilados aqui há oito anos, escondidos do resto do mundo, sobreviventes ilhados do grande navio que transportava a merda da classe baixa australiana, separados dos Estados Unidos e da Europa e da Jane Seymour por oceanos e pela bela Grande Barreira de Coral e mais sete mil quilômetros de litoral de Queensland e depois um viaduto que leva os carros até a cidade de

Brisbane, e separados ainda mais um pouco pela Companhia de Cimento e Calcário de Queensland, que espalha pó de cimento por Darra nos dias de vento e cobre as paredes azul-céu de placas de gesso da nossa casa com uma poeira que o August e eu temos que limpar antes que a chuva caia e a poeira grude no cimento, deixando veios duros e cinzentos de infelicidade na frente da casa e na janela grande pela qual o Lyle joga as guimbas de cigarros e eu jogo os miolos de maçã, sempre imitando o Lyle porque, e talvez eu seja novo demais para entender direito, o Lyle sempre faz coisas que valem a pena imitar.

Darra é um sonho, uma merda, uma lata de lixo virada, um espelho quebrado, um paraíso, uma tigela de sopa de macarrão vietnamita cheia de camarões, domos de plástico de carne de caranguejo, orelhas de porco e dedos de porco e barriga de porco. Darra é uma garota que desceu pelo ralo, um garoto com catarro que escorre do nariz tão verde que brilha na noite de Páscoa, uma adolescente deitada no trilho do trem esperando o expresso que vai até a Central e mais além, um sul-africano fumando erva sudanesa, um filipino injetando droga afegã que tem uma garota do Camboja tomando leite da região de Darling Downs, de Queensland, como vizinha. Darra é meu suspiro silencioso, minhas reflexões sobre a guerra, meu desejo pré-adolescente idiota, meu lar.

— Quando você acha que eles vão voltar? — eu pergunto.

— Daqui a pouco.

— O que eles foram ver?

Slim usa uma camisa de algodão barata da cor do bronze enfiada em um short azul-marinho. Ele sempre usa esse short, e diz que tem três iguais, mas sempre vejo o mesmo buraco no canto inferior direito do bolso de trás. Os chinelos azuis de borracha têm a forma dos pés velhos e calejados, sujos de terra e fedendo a suor, mas o esquerdo escorrega agora, preso na embreagem, quando ele sai desajeitado do

carro. Houdini está ficando velho. Houdini preso na câmara de água do subúrbio ocidental de Brisbane. Nem Houdini pode escapar agora. Slim não pode fugir da MTV. Slim não pode fugir do Michael Jackson. Slim não pode escapar dos anos 1980.

— *Laços de ternura* — diz ele, abrindo a porta do passageiro.

Amo o Slim de verdade porque ele ama o August de verdade, e também me ama. Slim era durão e frio na juventude, mas amoleceu com a idade. Slim sempre cuida do August e de mim, e quer saber como estamos e como vamos crescer. Eu o amo tanto por tentar nos convencer que, quando a mãe e o Lyle ficam tanto tempo fora, que nem agora, eles estão no cinema, e não vendendo heroína comprada dos donos dos restaurantes vietnamitas.

— Foi o Lyle que escolheu?

Eu desconfio que a mãe e o Lyle são traficantes desde que encontrei um tijolo de quinhentos gramas de heroína do Triângulo Dourado guardado no saco do cortador de grama dentro do barracão do quintal cinco dias antes. Eu tenho certeza de que a mãe e o Lyle são traficantes quando o Slim me fala que eles foram no cinema pra ver *Laços de ternura*.

Slim me olha com cara feia.

— Vamos nessa, espertinho — resmunga ele com o canto da boca.

Pisar na embreagem. Primeira. Pé firme no pedal. O carro dá um pulo pra frente, e estamos em movimento.

— Acelera um pouco — diz Slim.

Meu pé descalço desce, a perna toda esticada, e atravessamos o gramado até a roseira da sra. Dudzinski na calçada ao lado.

— Vai pra rua — instrui Slim, rindo.

Viro o volante para a direita, passo pela vala e vou para o asfalto da rua Sandakan.

— Embreagem, segunda — diz Slim.

Mais rápido agora. Passamos pela casa do Freddy Pollard, passamos pela irmã do Freddy Pollard, Evie, empurrando uma Barbie sem cabeça pela rua em um carrinho de bebê de brinquedo.

— Tenho que parar? — pergunto.

Slim olha o retrovisor, vira a cabeça pro espelho do lado do passageiro.

— Não, que se foda. Vamos dar uma volta no quarteirão.

Engato a terceira, e agora estamos a quarenta quilômetros por hora. E estamos livres. É uma fuga. Eu e o Houdini. Pé na estrada. Dois grandes escapistas em fuga.

— Estou *dirigiiiiindo!* — grito.

Slim ri, e o peito velho dele chia.

Viro à esquerda na rua Swanavelder, passo pelo centro de imigrantes poloneses da Segunda Guerra Mundial, onde a mãe e o pai do Lyle ficaram nos seus primeiros dias na Austrália. Entro à esquerda na rua Butcher, onde os Freeman têm uma coleção de pássaros exóticos: um pavão barulhento, um ganso-bravo, um pato-selvagem. Voe em liberdade, pássaro. Dirija. Dirija. À esquerda na Hardy, de volta à Sandakan.

— Devagar — diz Slim.

Piso no freio e solto o pé da embreagem, e o carro para, mais uma vez em paralelo ao August, que ainda está escrevendo palavras no ar, perdido naquela tarefa.

— Você viu, Gus? — berro. — Me viu dirigindo, Gus?

Ele não afasta os olhos das palavras. Garoto nem nos viu indo embora.

— O que ele tá escrevendo? — pergunta Slim.

As mesmas duas palavras sem parar. A lua crescente de um “C” maiúsculo. Um “a” pequeno e gordinho. Um “i” pequeno e magrelo, um movimento descendente no ar com uma cereja em cima. August está sentado no mesmo lugar da cerca onde costuma

ficar, junto de um tijolo que falta, a uma distância de dois tijolos da caixa de correspondência vermelha de ferro.

August é o tijolo que falta. A poça da lua é o meu irmão. August é a poça da lua.

— Duas palavras — eu respondo. — Um nome que começa com “C”.

Vou associar o nome dela com o dia em que aprendi a dirigir e para sempre com o tijolo que falta e a poça da lua e o Toyota LandCruiser do Slim e a rachadura no para-brisa do Slim e a minha pinta da sorte, e tudo no meu irmão, August, vai me lembrar dela.

— Que nome? — pergunta Slim.

— Caitlyn.

Caitlyn. Sem dúvida nenhuma. Caitlyn. Aquele indicador direito e uma folha de papel azul-céu infinita com aquele nome escrito.

— Você conhece alguma Caitlyn? — pergunta Slim.

— Não.

— Qual é a segunda palavra?

Sigo o dedo de August, que rodopia pelo céu.

— É “Spies” — eu digo.

— Caitlyn Spies — diz Slim. — Caitlyn Spies. — Ele traga o cigarro, contemplativo. — Que porra quer dizer isso?

Caitlyn Spies. Sem dúvida nenhuma.

Seu fim é um passarinho azul morto. Garoto devora universo. Caitlyn Spies.

Sem dúvida nenhuma.

Essas são as respostas.

As respostas pras perguntas.

# *Garoto faz arco-íris*

Esse quarto de amor verdadeiro. Esse quarto de sangue. Paredes azul-céu de placas de gesso. Manchas de tinta diferentes, onde o Lyle tapou buracos. Uma cama queen arrumada, o lençol bem esticado, um cobertor cinza fino e velho que combinaria com um daqueles campos de concentração do qual a mãe e o pai do Lyle fugiram. Todo mundo está fugindo de alguma coisa, principalmente ideias.

Um retrato emoldurado de Jesus acima da cama. O filho e a coroa de espinhos, razoavelmente calmo com todo o sangue escorrendo pela testa (esse cara fica tão calmo sob pressão), mas a expressão franzida de sempre, porque o August e eu não deveríamos estar aqui. Esse imóvel quarto azul, o lugar mais silencioso da terra. Esse quarto de verdadeiro companheirismo.

Slim diz que o erro de todos os antigos escritores ingleses e de todos os filmes de matinê é sugerir que o amor verdadeiro aparece fácil, que espera nas estrelas e nos planetas e que orbita em torno do sol. Que espera pelo destino. Amor verdadeiro adormecido, que existe para todo mundo, só esperando para ser encontrado, que explode quando o fio da existência colide com a sorte e o olhar de dois amantes se encontra. Bum. Pelo que vi, o amor verdadeiro é difícil. O romance real é acompanhado por um pouco de morte. Tem tremores de meia-noite e manchas de merda no lençol. O amor verdadeiro morre se tiver que esperar pelo destino. O amor verdadeiro pede aos amantes para deixarem de lado o que deveria ser e trabalharem com o que é.

August vai na frente. Garoto quer me mostrar uma coisa.

— Ele vai matar a gente se encontrar a gente aqui.

O quarto da Lena é proibido. O quarto da Lena é sagrado. Só o Lyle entra no quarto da Lena. August dá de ombros. Está com uma lanterna na mão direita e passa pela cama da Lena.

— Essa cama me deixa triste.

August assente, concordando. *Me deixa mais triste ainda, Eli. Tudo me deixa mais triste. Minhas emoções são mais profundas do que as suas, Eli, não esqueça.*

A cama é mais funda de um lado, com o peso dos oito anos em que Lena Orlik dormiu sozinha ali, sem o peso do marido, Aureli Orlik, para equilibrar. O homem morreu de câncer de próstata naquela cama em 1968.

Aureli morreu em silêncio. Tão silencioso quanto o quarto.

— Você acha que a Lena está nos olhando agora?

August sorri e dá de ombros. Lena acreditava em Deus, mas não no amor, ou pelo menos não do tipo escrito nas estrelas. Lena não acreditava no destino porque, se o seu amor por Aureli era coisa do destino, então o nascimento e toda a idade adulta profana e mentalmente desajustada de Adolf Hitler também era coisa do destino, porque aquele monstro, “aquele *potwor* imundo”, era o único motivo para eles terem se encontrado em 1945 em um campo para refugiados internos controlado por americanos na Alemanha, onde eles passaram quatro anos, tempo suficiente para o Aureli juntar a prata com que fez a aliança de casamento da Lena. Lyle nasceu no campo em 1949, passou a primeira noite da vida dormindo em uma bacia grande de lavar roupa, enrolado em um cobertor cinza que nem o que estava na cama. Os Estados Unidos não quiseram o Lyle, e a Grã-Bretanha não quis o Lyle, mas a Austrália quis, e o Lyle nunca se esqueceu disso, e é por isso que, durante uma juventude meio

rebelde, ele nunca queimou nem vandalizou nada que tivesse a indicação *Made in Australia*.

Em 1951, os Orliks chegaram no Campo para Refugiados e Dependentes de Wacol East, a sessenta segundos de bicicleta da nossa casa. Por quatro anos, eles moraram com duas mil pessoas, que dividiam casas de madeira com um total de trezentos e quarenta quartos, com banheiros e chuveiros comunitários. Aureli conseguiu um trabalho pregando dormentes na nova linha férrea entre Darra e os subúrbios vizinhos de Oxley e Corinda. Lena pegou um emprego numa fábrica de madeira em Yeerongpilly, no sudoeste, cortando folhas de compensado junto a homens com o dobro do tamanho dela e metade da sua coragem.

Aureli construiu aquele quarto sozinho, construiu a casa toda nos fins de semana com os amigos poloneses da linha férrea. Não tinham eletricidade nos dois primeiros anos. Lena e Aureli aprenderam inglês sozinhos à luz de um lampião de querosene. A casa cresceu, cômodo a cômodo, um pouco de cada vez, até que o aroma da sopa polonesa de cogumelos selvagens da Lena, do *pierogi* de batata e queijo, do *golabki* de repolho e do *baranina* de cordeiro assado ocupou três quartos, uma cozinha, uma sala, uma sala menor, uma lavanderia do lado da cozinha, um banheiro e um vaso sanitário com descarga embaixo de um quadro da branca e com três naves Igreja do Santo Salvador de Varsóvia.

August para e se vira para o armário embutido do quarto. Lyle construiu o armário usando toda a habilidade com madeira que aprendeu vendo o pai e os amigos poloneses montarem aquela casa.

— O que é, Gus?

August move a cabeça para a direita. *Você devia abrir a porta do armário.*

Aureli Orlik teve uma vida tranquila e estava determinado a morrer de forma tranquila, com dignidade, não com o som de monitores



cardíacos e uma equipe médica correndo de lá pra cá. Ele não queria fazer cena. Todas as vezes que a Lena voltava para aquele leito da morte com uma comadre vazia ou uma toalha para limpar o vômito do marido do peito, o Aureli pedia desculpas pelo trabalho. Sua última palavra para a Lena foi “Desculpe”, e ele não ficou vivo por tempo suficiente para explicar pelo que estava se desculpando, e a Lena só podia ter certeza de que ele não estava falando do amor dos dois, pois sabia que havia dificuldade naquele amor verdadeiro, e resistência e recompensas e fracassos e renovação e, enfim, a morte, mas não arrependimento.

Eu abro o armário. Uma tábua de passar roupa velha de pé. Um saco de roupas velhas da Lena no chão. Uma fileira de vestidos da Lena pendurados, todos de cores parecidas: verde-musgo, marrom, preto, azul.

Lena morreu fazendo barulho, uma cacofonia violenta de aço estourando e uma nota aguda cantada pelo Frankie Valli, voltando da Festa das Flores de Toowoomba pela rodovia Warrego no crepúsculo, a oitenta minutos de Brisbane, o Ford Cortina dando de cara com a grelha frontal de um caminhão que transportava abacaxis. Lyle estava no sul, em um centro de reabilitação de drogas com a antiga namorada, Astrid, na segunda das três tentativas de se livrar do vício de heroína de uma década. Ele estava fissurado durante toda a reunião subsequente com os policiais rodoviários de Gatton, que cuidaram do acidente. “Ela não deve ter sofrido”, disse um guarda idoso, o que o Lyle interpretou como um jeito gentil de dizer “O caminhão era grande pra caralho”. O guarda entregou a ele os únicos pertences da Lena que conseguiram tirar dos destroços: a bolsa, um terço, uma almofada redonda na qual ela se sentava para enxergar melhor por cima do volante e, milagrosamente, uma fita cassete ejetada do aparelho de som modesto do carro, *Lookin’ Back* de Frankie Vallie and The Four Seasons.

— Cacete — disse o Lyle, com a fita na mão e balançando a cabeça.

— O quê? — perguntou o guarda.

— Nada — respondeu o Lyle, percebendo que uma explicação adiaria a dose que dominava a sua cabeça naquela hora, a necessidade física de drogas e do lindo sonho criado por elas, o que ouvi a mãe chamar de “siesta” uma vez, criando um equilíbrio emocional que acabaria uma semana depois, incutindo nele a ideia de que não havia mais ninguém na face da terra que o amava. Naquela noite, em um sofá-cama em Darra, no porão do seu melhor amigo de infância, Tadeusz “Teddy” Kallas, ele injetou no braço esquerdo pensando no quanto a mãe era romântica, no quanto amava o marido e em como as notas agudas cantadas pelo Frankie Valli faziam todos os humanos do planeta sorrirem, menos sua mãe. Frankie Valli fazia a Lena Orlik chorar. No barato da heroína, o Lyle colocou a fita cassete do The Four Seasons no toca-fitas do porão do Teddy. Apertou o play porque queria ouvir a música que estava tocando quando ela bateu no caminhão cheio de abacaxis. Era “Big Girls Don’t Cry”, e naquele momento o Lyle lembrou, tão certo quanto a primeira nota aguda cantada pelo Frankie Valli, que acidentes não aconteciam com a Lena Orlik.

O amor verdadeiro é duro.

★

— O que é, Gus?

Ele coloca o indicador nos lábios. Puxa a bolsa com roupas da Lena em silêncio, afasta os vestidos dela pela haste do armário. Empurra a parede de trás do armário, e uma folha de compensado pintada de branco, de um metro quadrado, clica em um mecanismo de compressão atrás da parede e cai nas mãos do August.

— O que você tá fazendo, Gus?

Ele empurra o compensado para trás dos vestidos pendurados da Lena.

Um espaço escuro se abre atrás do armário, um vão, um espaço de distância desconhecida por trás da parede. Os olhos do August estão arregalados, eufóricos com a esperança e a possibilidade do vão.

— O que é?

★

Nós conhecemos o Lyle pela Astrid, e minha mãe conheceu a Astrid no Abrigo para Mulheres das Irmãs da Misericórdia em Nundah, no lado norte de Brisbane. A gente estava molhando pão em ensopado de carne, a mãe, o August e eu, na sala de jantar do abrigo. A mãe diz que a Astrid estava na ponta da mesma mesa. Eu tinha cinco anos. August tinha seis e ficava apontando para um cristal roxo tatuado embaixo do olho esquerdo da Astrid, de uma forma que parecia que ela estava chorando cristais. Astrid era marroquina e linda e sempre jovem e tão enfeitada e mística que passei a pensar nela e na barriga cor de café exposta dela como uma personagem *de As mil e uma noites*, uma protetora de lâmpadas mágicas e adagas e tapetes voadores e significados secretos. À mesa de jantar do abrigo, a Astrid se virou e encarou o August, e ele a encarou de volta, sorrindo por tanto tempo que inspirou a Astrid a falar com a minha mãe.

— Você deve se sentir especial — disse ela.

— Por quê? — perguntou a minha mãe.

— O Espírito escolheu você pra cuidar dele — disse ela, indicando o August.

Depois, a gente descobriria que o Espírito era um termo abrangente para o criador de todas as coisas vivas que visitava a Astrid de três formas diferentes: uma deusa mística de vestes brancas, Sharna; um faraó egípcio chamado Om Rá; e Errol, uma criatura boca-suja que não parava de peidar, representação de todos os males do universo e

que falava que nem um anão irlandês bêbado. Para nossa sorte, o Espírito gostava do August e logo fez uma comunicação milagrosa com a Astrid, dizendo que o caminho dela para a luz incluía dar um jeito para que a gente ficasse por três meses no jardim de inverno da casa da avó dela, Zohra, em Manly, o subúrbio oriental de Brisbane. Eu só tinha cinco anos e já achava aquilo tudo uma bobagem, mas Manly é um lugar em que um garoto consegue correr descalço pela areia molhada da baía Moreton na maré baixa por tanto tempo que pode se convencer de estar correndo até Atlântida, onde poderia viver para sempre ou até o cheiro de bacalhau e batata frita o chamar de volta pra casa, então fiz como o August e calei a boca.

Lyle foi à casa da Zohra pra ver Astrid. Em pouco tempo, voltou à casa da Zohra para jogar Palavras Cruzadas com a minha mãe. Lyle não tem estudo, mas tem a inteligência das ruas, e lê livros sem parar, então conhece um monte de palavras, que nem a minha mãe. Lyle diz que se apaixonou pela minha mãe quando ela escreveu a palavra “quixotesco” e fez o triplo de pontos.

O amor da minha mãe foi duro. Houve dor envolvida, houve sangue e gritos e socos em paredes de placas de gesso, porque a pior coisa que o Lyle fez foi levar minha mãe a usar drogas. Acho que a melhor coisa que o Lyle fez foi tirá-la das drogas, mas ele sabe que eu sei que a segunda coisa não compensa a primeira. Ele a tirou das drogas naquele quarto. Naquele quarto de amor verdadeiro. Naquele quarto de sangue.

★

August acende a lanterna e a aponta para o vão preto atrás da parede do guarda-roupa. A luz branca e fria ilumina uma salinha mais ou menos do tamanho do nosso banheiro. A luz da lanterna exhibe três paredes de tijolos marrons, uma abertura grande o bastante para um homem adulto ficar de pé, que nem uma espécie de abrigo nuclear,

mas sem comida e vazio. O piso é feito da terra na qual o aposento foi cavado. A lanterna do August ilumina o espaço vazio até encontrar o único objeto lá dentro. É um banco de madeira com assento circular acolchoado. E, em cima do banco, um telefone de teclas. O telefone é vermelho.

★

O pior tipo de drogado é aquele que acha que não é o pior tipo de drogado. A mãe e o Lyle ficaram bem mal por uma época, há uns quatro anos. Não no jeito que se pareciam, só no jeito que se comportavam. Não é bem que eles tenham esquecido meu aniversário de oito anos, só dormiram o dia inteiro, esse tipo de coisa. Com seringas espalhadas como armadilhas e tudo. Você entrava no quarto deles para acordá-los e dizer que era Páscoa, pulava na cama como um coelhinho feliz e acabava com uma agulha enfiada no joelho.

August fez panquecas no meu oitavo aniversário, serviu com xarope de bordo e uma vela de aniversário que, na verdade, era uma vela grossa e branca e comum. Quando terminamos as panquecas, o August fez um gesto que dizia que, como era o meu aniversário, eu podia fazer o que quisesse. Perguntei se podíamos queimar várias coisas com a minha vela, começando pelo pão verde mofado que estava na geladeira havia quarenta e três dias, de acordo com as nossas contas.

August era tudo naquela época. Mãe, pai, tio, avó, padre, pastor, cozinheiro. Ele fazia o café da manhã, passava os uniformes da escola, penteava meu cabelo, me ajudava com o dever. Começou ao arrumar as coisas do Lyle e da mãe quando eles estavam dormindo: escondia os sacos e as colheres de drogas, descartava as seringas com responsabilidade, sempre comigo atrás dizendo: “Que se foda tudo isso, vamos jogar bola.”

Só que o August cuidava da mãe como se ela fosse um cervo selvagem perdido que estivesse aprendendo a andar, porque ele parecia saber um segredo sobre tudo aquilo, que era só uma fase, uma parte da história da mãe que simplesmente tínhamos que esperar para passar. Acho que o August acreditava que ela precisava daquela fase, que merecia o descanso drogado, o sono longo, o tempo fora do próprio cérebro, a pausa de ter que pensar no passado — uma sequência de fotos de trinta anos de violência e abandono e lares para garotas rebeldes com maus pais em Sydney. August penteava o cabelo dela quando ela dormia, puxava o cobertor sobre o peito dela, secava a baba da sua boca com lenços de papel. August era seu guardião e me cobria de porrada e empurrões se eu demonstrasse crítica e nojo. Porque eu não sabia. Porque ninguém conhecia a mãe, só o August.

Aqueles foram os anos Debbie Harry em “Heart of Glass” da mãe. Dizem que a droga deixa a pessoa horrível, que a heroína faz o cabelo cair, deixa feridas no rosto e nos pulsos por causa dos dedos e das unhas nervosas que ficam se enchendo de sangue e pele arrancada. Dizem que a heroína suga o cálcio dos dentes e dos ossos, deixa a pessoa fraca que nem um cadáver apodrecido. E eu tinha visto tudo aquilo. Mas também achei que a heroína fez a mãe ficar linda. Ela estava magra e pálida e loura, não tão loura quanto a Debbie Harry, mas tão linda quanto ela. Eu achava que a heroína fez a mãe parecer um anjo. Ela ficava com um olhar vidrado na cara, presente, mas não exatamente, como a Harry no clipe de “Heart of Glass”, como uma coisa saída dos sonhos, se movendo no espaço entre o sono e o despertar, entre a vida e a morte, mas cintilando mesmo assim, como se tivesse uma bola de espelhos girando para sempre nas pupilas dos olhos cor de safira. E me lembro de pensar que era assim que um anjo ficaria se fosse parar no subúrbio de Darra, sudeste de Queensland, tão longe do céu. Um anjo nessa situação ficaria atordoado daquele jeito,

distante, batendo as asas enquanto observava a louça se acumulando na pia, os carros passando pela casa através da abertura da cortina.

Tem uma aranha tecedeira-de-seda-dourada fazendo uma teia do lado de fora da janela do meu quarto que é tão intrincada e perfeita quanto um floco de neve ampliado mil vezes. A aranha fica no meio dessa teia como se estivesse pulando de paraquedas de lado, suspensa na missão que quer terminar mesmo sem ter um motivo, soprada, mas não maltratada, pelo vento e pela chuva e pelas tempestades de verão vespertinas, tão fortes que derrubam postes de luz. A mãe era a aranha tecedeira-de-seda-dourada naqueles anos. E era a teia, e a borboleta também, a borboleta tigre azul com asas de safira sendo comida viva pela aranha.

★

— A gente tem que sair daqui, Gus.

August me entrega a lanterna. Ele se vira e se ajoelha, enfia as pernas no espaço do armário, para dentro do vão. Cai no aposento, e os pés encontram apoio. Ele se vira para mim e, na ponta dos pés para ficar mais alto, indica a porta de correr do armário. Eu fecho, e ficamos na escuridão total, só com a luz da lanterna. August faz sinal para eu entrar no vão e estica a mão para pegar a lanterna. Eu balanço a cabeça.

— Tá doido?

Ele faz sinal de novo para eu entrar.

— Você é um babaca.

Ele sorri. August sabe que sou igual a ele. August sabe que, se alguém me falasse que tinha um tigre faminto solto atrás de uma porta, eu abriria só para ter certeza de que a pessoa não estava mentindo. Entro na salinha, e meus pés descalços tocam a pedra fria e úmida no chão. Passo a mão pelas paredes, de tijolos ásperos e terra.

— Que lugar é esse?

August está parado, encarando o telefone vermelho.

— O que você tá olhando?

Ele continua observando o telefone, empolgado e distante.

— Gus, Gus...

Ele levanta o indicador esquerdo. *Espera um segundo.*

E o telefone toca. É um toque rápido, que preenche a salinha.

Trim, trim. Trim, trim.

August se vira para mim, os olhos arregalados, azuis e elétricos.

— Não atende, Gus.

Ele deixa tocar mais três vezes e estica a mão para o fone.

— Gus, não atende essa porra!

Ele atende. Coloca o telefone no ouvido. Já está sorrindo, parecendo achar graça de alguém do outro lado da linha.

— Dá pra ouvir alguma coisa?

August sorri.

— O que é? Deixa eu ouvir.

Tento pegar o telefone, mas o August empurra o meu braço, a orelha esquerda espremendo o fone contra o ombro esquerdo. Ele está rindo agora.

— Tem alguém falando com você?

Ele assente.

— Você precisa desligar, Gus.

Ele se vira de costas para mim e escuta com atenção, o fio vermelho em espiral do telefone passando por cima do ombro. Ele fica de costas para mim por um minuto inteiro, depois se vira com uma expressão vaga no rosto. Aponta para mim. *Querem falar com você, Eli.*

— Não.

Ele assente e me passa o fone.

— Não quero falar mais — eu digo, empurrando o telefone.



August rosna, as sobrancelhas erguidas. *Não seja um criança, Eli.* Ele joga o telefone para mim, e eu pego por instinto. Respiro fundo.

— Alô?

Uma voz de um homem.

— Alô.

Uma voz de homem de verdade, grave, profunda. Um homem de uns cinquenta anos, talvez até sessenta.

— Quem é? — pergunto.

— Quem você acha que é? — responde o homem.

— Não sei.

— Claro que sabe.

— Não, não sei mesmo.

— Sabe, sim. Sempre soube.

August sorri, assentindo. Acho que sei quem é.

— É o Tytus Broz?

— Não, não sou o Tytus Broz.

— É amigo do Lyle?

— Sou.

— Você é o homem que deu ao Lyle a heroína do Triângulo Dourado que encontrei no cortador de grama?

— Como é que você sabe que a heroína era do Triângulo Dourado?

— Meu amigo Slim lê o *The Courier-Mail* todos os dias. Quando termina, ele dá o jornal pra mim. A seção de crimes sempre publica artigos sobre como a heroína está se espalhando por Brisbane vinda de Darra. Dizem que vem da principal área produtora de opioides do sudeste da Ásia, que engloba Birmânia, Laos e Tailândia. O Triângulo Dourado.

— Você sabe das coisas, moleque. Lê muito?

— Eu leio de tudo. Slim diz que ler é a maior fuga que existe, e ele já fez umas fugas bem boas.

- Slim é um cara sabido.
- Você conhece ele?
- Todo mundo conhece o Houdini da Boggo Road.
- Ele é o meu melhor amigo.
- Seu melhor amigo é um assassino condenado?
- Lyle diz que o Slim não matou o taxista.
- Ah, é?
- É. Ele diz que o Slim foi incriminado. Que botaram a culpa nele porque ele já tinha história. Eles fazem isso, sabe. A polícia.
- O próprio Slim disse que não foi ele?
- Na verdade, não, mas o Lyle diz que não tem como ele ter feito aquilo.
- E você acredita nele?
- O Lyle não mente.
- Todo mundo mente, garoto.
- Não o Lyle. Ele é fisicamente incapaz. Foi o que ele falou pra minha mãe, pelo menos.
- Você não acreditou nisso, né?
- Ele chamou de condição médica e tudo. “Transtorno de Apego Reativo Desinibido.” Significa que ele não consegue mascarar a verdade. Não consegue mentir.
- Acho que isso não quer dizer que ele não consegue mentir. Acho que quer dizer que ele não consegue ser discreto.
- Dá no mesmo.
- É, talvez.
- Estou cansado dos adultos sendo discretos. Ninguém conta a história toda.
- Eli?
- Como sabe o meu nome? Quem é você?
- Eli?
- O quê?

— Tem certeza de que quer a história toda?

Ouvimos o som da porta do armário abrindo. August inspira fundo, e sinto o Lyle olhando pelo poço do armário bem antes de escutar ele berrando:

— Que porra os dois estão fazendo aí embaixo?

August cai no chão, e, no escuro, só consigo ver os brilhos da lanterna fazendo formatos frenéticos de raios nas paredes dessa salinha subterrânea úmida de terra enquanto as mãos procuram desesperadamente por alguma coisa até encontrar.

— Não faz isso, caralho — grita o Lyle entre dentes.

Mas o August faz. Ele encontra um alçapão de metal marrom na parte de baixo da parede direita, do tamanho da base de papelão de uma caixa grande de bananas. Um trinco de bronze mantém o alçapão preso a uma tira de madeira no chão. August solta o trinco, abre a porta e, deitando rápido de bruços, usa os cotovelos para rastejar por um túnel para fora da salinha.

Eu me viro para o Lyle, perplexo.

— Que lugar é esse?

Mas não espero por uma resposta. Largo o telefone.

— Eli! — grita Lyle.

Eu me deito de bruços e sigo o August pelo túnel. Tem terra na minha barriga. Terra úmida e paredes de terra batida contra os meus ombros, e escuridão, tirando a lanterna trêmula balançando com luz branca na mão do August. Tenho um colega de escola, o Duc Quang, que visitou os avós no Vietnã, e, quando estava lá, foi ver uma rede de túneis construída pelos vietcongues. Ele me disse que foi horrível rastejar pelos túneis, a claustrofobia sufocante, a terra que cai na sua cara e entra nos seus olhos. Isso aqui é a mesma coisa, porra, uma maluquice do exército do norte do Vietnã. Duc Quang disse que teve que parar na metade de um túnel, morto de medo, e que dois turistas que estavam atrás arrastaram ele para fora do túnel de costas.

Eu não posso voltar. Lyle está naquela salinha e, mais importante, a palma da mão aberta do Lyle está naquela salinha, e com certeza ele está se preparando com uma série de flexões de dedo e de músculos, pronto para arrancar o couro da minha pobre bunda branca. O medo fez o Duc congelar nos túneis, mas o medo do Lyle me faz continuar, como um vietcongue especialista em explosivos experiente, seis, sete, oito metros na escuridão. O túnel faz uma curvinha para a esquerda. Nove metros, dez metros, onze metros. Está quente aqui dentro, o esforço e o suor e a terra se misturam e se transformam em lama na minha testa. O ar é quente.

— Porra, August. Não dá para respirar aqui dentro.

E o August para. A lanterna aponta para outro alçapão de metal. Ele abre, e um fedor horrível de enxofre toma conta do túnel e me dá vontade de vomitar.

— Que cheiro é esse? É merda? Acho que é merda, August.

August se esgueira pela abertura no túnel, e vou logo atrás, respirando fundo quando saio em outro espaço quadrado, menor do que o anterior, mas grande o suficiente para nós dois ficarmos de pé. O lugar está escuro. O chão é de terra de novo, mas tem alguma coisa cobrindo a terra e amortecendo o chão embaixo dos meus pés. Serragem. O cheiro está mais forte agora.

— Com certeza é merda, August. Onde a gente tá?

August olha para cima, e meu olhar segue o dele até um círculo perfeito de luz, do tamanho de um prato, bem em cima da gente. De repente, o círculo é preenchido com o rosto do Lyle olhando para nós. Cabelo ruivo, sardas. Lyle é o Ginger Meggs adulto, sempre de chinelo e uma regata azul, como se fosse tosquiar cinquenta ovelhas num galpão com paredes de metal durante o verão, os braços finos e musculosos cobertos de tatuagens baratas e mal desenhadas: uma águia com um bebê nas garras no ombro direito; um mago velho com um cajado no ombro esquerdo, que parece o meu professor do quinto

ano, o sr. Humphreys; um Elvis Presley pré-Havaí balançando os joelhos no antebraço esquerdo. A mãe tem um livro de fotos dos Beatles, e sempre achei o Lyle um pouco parecido com o John Lennon nos anos dos olhos arregalados de “Please Please Me”. Vou me lembrar do Lyle em “Twist and Shout”. Lyle é “Love Me Do”. Lyle é “Do You Want to Know a Secret?”.

— Vocês dois estão numa merda muito grande — diz o Lyle pelo buraco acima.

— Por quê? — eu digo, desafiando, minha confusão virando raiva.

— Não, quero dizer literalmente: vocês dois estão na merda agora — fala ele. — Os dois foram engatinhando até o depósito da casinha.

Cacete. A casinha. O banheiro externo de latão abandonado e enferrujado no final do quintal da Lena, cheio de teias de aranhas de costas vermelhas e cobras pseudonajas tão famintas que mordem a sua bunda até quando você está sonhando. Perspectiva é uma coisa engraçada. O mundo parece diferente quando se olha para ele sete palmos abaixo da terra. A vida vista do fundo de um buraco de merda. O único caminho é pra cima pro August e Eli Bell.

Lyle tira a grossa folha de madeira furada que ocupa o chão da casinha e funciona como assento de privada que já acomodou as bundas gordas da Lena e do Aureli e de todos os colegas de trabalho do Aureli que ajudaram a construir a casa da qual saímos engatinhando milagrosamente por um buraco que dava em um túnel subterrâneo secreto.

O Lyle estica o braço direito pelo vão, a mão aberta para segurar.

— Vem — diz ele.

Eu me afasto da mão.

— Não, você vai meter a porrada na gente — eu digo.

— Bom, eu não posso mentir — diz ele.

— Que se foda.

— Não fala palavrão, caralho — diz Lyle.

— Eu não vou a lugar nenhum enquanto você não der umas respostas pra gente — eu grito.

— Não me provoca, Eli.

— Você e a mãe estão usando drogas de novo.

Peguei ele. Ele baixa a cabeça e balança. Está mais calmo agora, misericordioso e arrependido.

— Não estamos usando drogas, cara — diz ele. — Eu prometi a vocês dois. E não quebro as minhas promessas.

— Quem era o cara no telefone vermelho? — berro.

— Que cara? — pergunta Lyle. — De que merda você tá falando, Eli?

— O telefone tocou e o August atendeu.

— Eli...

— O cara — eu digo. — De voz grave. Ele é o seu traficante, não é? O homem que te deu o saco de heroína que encontrei no cortador de grama.

— Eli...

— Ele é o gênio malvado, o mestre titereiro por trás de tudo, o chefão que parece maneiro e gentil e chato como um bibliotecário, mas, na verdade, é um megalomaníaco assassino.

— Eli, caralho! — grita ele.

Eu paro. Lyle balança a cabeça. Respira fundo.

— Aquele telefone não recebe chamadas — diz ele. — Sua imaginação está levando a melhor sobre você de novo, Eli.

Eu me viro para o August. Eu me viro de novo para o Lyle.

— Ele tocou, Lyle. O August atendeu. Tinha um homem na linha. Ele sabia o meu nome. Conhecia todo mundo. O Slim. Achei por um minuto que fosse você, mas...

— Tá bom, Eli — berra o Lyle. — De quem foi a ideia de entrar no quarto da Lena?

August aponta para o próprio peito com o polegar. Lyle assente.

— Tudo bem, o negócio é o seguinte — diz ele. — Subam agora e aceitem o que está por vir, e, depois que todo mundo estiver mais calmo, vou contar umas coisas que estão acontecendo.

— Vai se foder — eu digo. — Quero as respostas agora.

Lyle recoloca o assento de madeira da privada no lugar.

— Me avisa quando se lembrar como ter modos de novo, Eli — diz ele.

Lyle vai embora.

★

Quatro anos atrás, achei que ele estava indo embora pra sempre. Ele parou na porta da frente com uma bolsa no ombro direito. Eu segurei a mão esquerda dele e me apoiei nela com todo o meu peso, e ele me arrastou porta afora.

— Não! — eu disse. — Não, Lyle.

Lágrimas nos meus olhos e lágrimas no meu nariz e na minha boca.

— Eu tenho que melhorar, cara — disse ele. — O August vai cuidar da sua mãe por mim. E você tem que cuidar do August.

— Não! — eu gritei, e ele virou a cabeça, e eu achei que tinha conseguido convencer ele, porque ele nunca chora e estava com os olhos molhados. — Não.

Mas ele gritou comigo.

— Me solta, Eli.

E me empurrou pela porta, e eu caí no chão de linóleo da varanda da frente, o atrito arrancando a pele dos meus cotovelos.

— Eu te amo — disse ele. — Vou voltar.

— É mentira — gritei.

— Eu não posso mentir, Eli.

Ele saiu pela porta da frente e seguiu o caminho até o portão, passou pela caixa de correio de ferro e pelo muro marrom com o

tijolo faltando. Eu o segui até o portão e gritei tão alto que a minha garganta doeu.

— Seu mentiroso! — eu gritei. — Mentiroso! Mentiroso! Mentiroso! — Mas ele nem se virou. Só seguiu andando.

Só que ele voltou. Seis meses depois. Foi em janeiro, fazia calor e eu estava no pátio da frente, sem camisa e bronzeado, o polegar na ponta da mangueira, virando o spray para o sol para fazer os meus próprios arco-íris, e o vi passar pela parede de água. Ele abriu o portão e o fechou, e larguei a mangueira e corri pra ele. Ele usava uma calça azul-marinho e uma camisa de brim azul-marinho coberta de graxa. Estava em forma e forte, e, quando se ajoelhou para ficar da minha altura, achei que ele tinha se ajoelhado como o rei Arthur, e eu nunca tinha amado tanto um homem na minha curta vida. Assim, os arcos-íris são o Lyle e a graxa é o Lyle e o rei Arthur é o Lyle. Eu corri com tanta força para cima dele que ele quase caiu para trás com o impacto, porque o atingi como Ray Price, um atacante duro como aço do triunfante Parramatta Eels. Ele riu e, quando meus dedos agarraram os seus ombros pra puxá-lo pra perto, encostou a cabeça no meu cabelo e beijou minha cabeça, e não sei por que falei o que falei, mas falei mesmo assim.

— Pai — falei.

Ele abriu um sorrisinho e se empertigou com as duas mãos nos meus ombros e olhou nos meus olhos.

— Você já tem um pai, cara — disse ele. — Mas também tem a mim.

Cinco dias depois, minha mãe estava trancada no quarto da Lena, socando as paredes finas com os punhos. O Lyle pregou tábuas de madeira nas duas janelas do quarto. Tinha tirado a cama velha da Lena e a foto de Jesus da parede e os vasos antigos e os porta-retratos com parentes distantes e amigos do Darra Lawn Bowls Club. O quarto ficou vazio, exceto por um colchão fino sem lençol, sem cobertor e



sem travesseiro. Por sete dias, o Lyle deixou minha mãe trancada naquele quarto azul-céu. O Lyle, o August e eu ficávamos do lado de fora da porta trancada, ouvindo os gritos dela, uivos longos e aleatórios de *banshee*, como se atrás da porta trancada tivesse um Grande Inquisidor supervisionando algum tipo maligno de tortura que envolvesse roldanas e os membros esticados da minha mãe. Mas eu sabia que não tinha mais ninguém lá dentro com ela. Ela uivava no almoço, uivava à meia-noite. Gene Crimmins, nosso vizinho do lado direito, um carteiro aposentado e agradável com mil histórias de cartas mal endereçadas e causos ocorridos nas calçadas dos subúrbio, apareceu para ver como estavam as coisas.

— Ela está quase lá, cara — o Lyle dizia, e só isso. E o Gene só assentiu, como se soubesse exatamente sobre o que o Lyle estava falando. Como se ele soubesse ser discreto.

No quinto dia, minha mãe me escolheu porque sabia que eu era o mais fraco.

— Eli! — gritou ela pela porta. — Ele tá tentando me matar. Você tem que chamar a polícia. Liga pra polícia, Eli. Ele quer me matar.

Corri até o telefone e disquei três zeros no grande disco até o August botar delicadamente o dedo no aparelho para interromper a ligação. Ele balançou a cabeça. *Não, Eli.*

Eu chorei, e o August passou o braço pelo meu pescoço, e andamos de volta pelo corredor e ficamos olhando para a porta. Eu chorei mais um pouco. Depois, fui até a salinha e abri a porta de correr de baixo da estante de compensado que guardava os discos de vinil da mãe. *Between the Buttons* dos Rolling Stones. Aquele que ela ouvia tanto, que tem na capa todos eles usando casacos pesados, com o Keith Richards borrado como se estivesse entrando em um portal do tempo pro futuro.

— Ei, Eli, coloca “Ruby Tuesday” — a mãe sempre dizia.

— Qual é essa?

— Lado A, terceira linha grossa a partir da borda — a mãe sempre dizia.

Desliguei a vitrola e levei até o corredor. Liguei perto da porta da Lena. Coloquei a agulha na terceira linha grossa a partir da borda.

Aquela música sobre uma garota que nunca dizia de onde era.

A música ecoou pela casa, e o choro da mãe ecoou pela porta. A música terminou.

— Toca de novo, Eli — disse a mãe.

★

No sétimo dia, ao pôr do sol, o Lyle destrancou a porta. Depois de dois ou três minutos, a porta do quarto da Lena se abriu. Minha mãe estava magra e abatida, e andou devagar, como se os ossos estivessem amarrados com barbante. Ela tentou dizer uma coisa, mas os lábios e a boca estavam tão secos e o corpo tão esgotado que ela não conseguiu colocar as palavras pra fora.

— Ab... — disse ela.

Ela lambeu os lábios e tentou de novo.

— Ab... — disse ela.

Ela fechou os olhos como se fosse desmaiar. O August e eu ficamos olhando e esperamos algum sinal de que ela estava de volta, um sinal de que tinha despertado do grande sono, e acho que esse sinal foi a forma como ela caiu nos braços do Lyle e desabou no chão, agarrada ao homem que talvez tivesse salvado a sua vida e acenando para os garotos que acreditaram que ele era capaz de fazer isso. Nós nos reunimos em volta dela, e ela parecia um pássaro caído.

E, na caverna dos nossos corpos, ela sussurrou três palavras.

— Abraço em grupo. — Nós a abraçamos com tanta força que poderíamos ter nos transformado em pedra se tivéssemos ficado daquele jeito por tempo suficiente. Virado diamante.

Então, ela cambaleou, agarrada ao Lyle, até o quarto deles. O Lyle fechou a porta depois que eles entraram. Silêncio. Na mesma hora, August e eu entramos no quarto da Lena, como se estivéssemos pisando leve em um campo minado numa daquelas florestas do norte do Vietnã onde os avós do Duc Quang moravam.

Havia pratos de papel e restos de comida espalhados no chão, junto a chumaços de cabelo. Tinha uma comadre num canto. As paredes azul-céu do quarto estavam cobertas de buracos do tamanho dos punhos da mãe, e, saindo desses buracos, havia filetes de sangue que pareciam bandeiras vermelhas em retalhos sopradas pelo vento de um campo de batalha. Uma mancha comprida e marrom de merda seca parecia uma estrada de terra que levava para o nada em duas paredes. E, qualquer que fosse a batalha que minha mãe travou naquele pequeno quarto, nós sabíamos que ela tinha vencido.

O nome da minha mãe é Frances Bell.

★

August e eu ficamos em silêncio no buraco. Um minuto inteiro passa. August me dá um empurrão de frustração.

— Desculpa — eu digo.

Mais dois minutos se passam em silêncio.

— Obrigado por dizer que a ideia foi sua.

August dá de ombros. Mais dois minutos se passam, e o cheiro e o calor daquele buraco agarram o meu pescoço e o meu nariz e a minha inteligência.

Nós olhamos para o círculo de luz, pelo buraco de bunda da casinha de madeira do quintal da Lena e do Aureli Orlik.

— Você acha que ele vai voltar?